

A influência de Bergson na recepção da psicanálise na filosofia francesa: a questão do inconsciente¹

The influence of Bergson on the reception of psychoanalysis in the scope of french philosophy: the matter of the uncouncious

Paulo César Rodrigues

Resumo

Este artigo elabora algumas considerações sobre o papel desempenhado pelo bergsonismo na recepção da teoria freudiana na França. Pretende-se determinar em que medida a filosofia de Bergson preparou o ambiente intelectual francês para a efetiva recepção da psicanálise, influenciando no modo como Freud passou a ser lido nas fases posteriores da filosofia francesa: existencialismo e estruturalismo. Se, no momento espiritualista, houve de fato uma afinidade teórica entre a metafísica da virtualidade e a metapsicologia freudiana; na fase posterior haverá uma rejeição radical da hipótese do inconsciente, na filosofia de Sartre, por exemplo (rejeição já prenunciada por Georges Politzer). Semelhante recusa pode ser lida como uma reação à metafísica bergsoniana, à ideia de vida interior, o que irá desembocar, de certa maneira, na reabilitação do inconsciente, não mais pensado como uma região da interioridade, uma instância psíquica, mas, dessa vez, assimilado como linguagem, particularmente numa fase do pensamento de Jacques Lacan.

Palavras-chave

Bergson, Freud, Inconsciente.

Abstract

This study develops some considerations on the role of Bergsonism in the reception of the Freudian theory in France. Our objective is to find the extension at which the philosophy of Bergson prepared the French intellectual environment to effectively receive psychoanalysis by influencing the manner of reading Freud in the further phases of the French philosophy: Existentialism and Structuralism. If considering the spiritualist aspect, it indeed occurred a theoretical kinship between the metaphysics of virtuality and the Freudian metapsychology, the following phase reveals a radical rejection of the uncouncious hypothesis, as in Sartre's philosophy, for example (which Georges Politzer had already foreseen). Similar refusal can be understood as a reaction to the Bergsonian metaphysics, the idea of inner life, which will somehow imply the rehabilitation of the uncouncious, no longer thought as a place of inwardness, a psychic instance, but absorbed as language, particularly during a phase of Jacques Lacan's thoughts.

Keywords

Bergson, Freud, Uncouncious.

Paulo César Rodrigues

UNESP-Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Professor de História da Filosofia Contemporânea na UNESP.

paulo.c.rodrigues@unesp.br

1

Este artigo foi inicialmente apresentado no IX Encontro do GT Filosofia Francesa Contemporânea, realizado em outubro de 2019, na cidade de Maringá-PR, com o título "Notas sobre a recepção da psicanálise na filosofia francesa contemporânea".

1

Colocar a questão do inconsciente, na filosofia francesa contemporânea, isto é, na filosofia do século XX, significa perguntar pela postura que seus principais autores assumiram diante da teoria freudiana, uma vez que é sempre em uma relação controversa com a psicanálise que a questão se apresenta. Contudo, de início, faz-se necessário pontuar que, alguns anos antes da publicação de *A interpretação dos sonhos* (2019 [1900]), Bergson trouxe à luz aquele que é considerado seu livro mais denso e difícil: *Matière et mémoire* (2001, [1896]). Essa última obra antecipa, no âmbito da metafísica francesa, a hipótese do inconsciente, de modo semelhante à que surgirá na produção teórica de Freud, especialmente a partir do livro sobre os sonhos². Esse pioneirismo editorial não é um dado irrelevante, posto que demonstra o quão preparado estava o ambiente intelectual francês para a aclimação da psicanálise, a ponto de Elisabeth Roudinesco ter declarado que “[...] o bergsonismo se tornaria a filosofia dominante através da qual se apreenderia, na França, a conceituação freudiana durante toda a primeira metade deste século.” (ROUDINESCO, 1989, p. 243).

Nesse sentido, a hipótese bergsoniana do inconsciente – identificada com o campo da virtualidade, tal como este se destaca da teoria da memória e, mais tarde, da teoria do *élan vital* – preparou o terreno para que as ideias vienenses florescessem em solo francês. A ulterior repercussão das teses de Freud no que há de mais expressivo no pensamento francês contemporâneo (Sartre, Bachelard, Deleuze, Merleau-Ponty, Ricœur etc.) dará o testemunho definitivo da receptividade gaulesa às ideias judaico-teutônicas oriundas de Viena, a despeito de todo chauvinismo, reinante na França, sobretudo nas primeiras décadas do século XX (ROUDINESCO, 1989).

Como a maior parte dos grandes pensadores franceses da contemporaneidade não foi insensível à psicanálise, uma variedade de nexos entre suas respectivas filosofias e a obra de Freud tornou-se possível: a aguda crítica do inconsciente, substituindo-o pela má-fé, na filosofia de Sartre (2007 [1943]); a exploração do imaginário, através das noções psicanalíticas, na vertente noturna de Bachelard (2008 [1938]); a assimilação do “princípio de realidade” e do “princípio do prazer” à luz de uma “filosofia da repetição”, em Deleuze (2006 [1968]),³ bem como a prática da “esquizoanálise”, nascida da colaboração desse último com Félix Guattari (2013 [1972]) etc. Assim, espera-se que o vínculo que hoje se pode estabelecer entre as obras de Bergson e Freud – dois autores “estritamente contemporâneos”, para aproveitar aqui uma expressão de Frédéric Worms (2009), e que não sofreram influência um do outro – contribua com a elucidação do destino filosófico da psicanálise na França, cujo auge, acredita-se, foi atingido nos anos 60 e 70, com Lacan, o psicanalista filósofo, mas também com Deleuze, Guattari, Ricœur, Foucault, etc.

Contudo, em termos mais exatos, o que se pretende expor aqui é o desenvolvimento de um percurso teórico que parte de Bergson – da aparente afinidade conceitual entre sua metafísica da virtualidade e a metapsicologia freudiana – e busca apreender as repercussões dessa afinidade no existencialismo, particularmente de Sartre; e no estruturalismo, em uma determinada fase do pensamento de Lacan: a produção lacaniana dos anos 50. O eixo da abordagem é a tensão em torno da questão do inconsciente. E sua inspiração, algumas considerações feitas por Frédéric Worms na obra *La philosophie en France au XXe siècle: moments* (2009), que divide o pensamento francês em três “momentos”: o espiritualismo, o existencialismo e o estruturalismo, identificando em cada um deles um modo particular de colocar e resolver os problemas. Dentre esses problemas, a questão do sujeito, que a bem dizer atravessa o pensamento francês, constituirá o contexto da presente investigação. É, portanto, em torno da discussão filosófica sobre a natureza da subjetividade

2

Opor o inconsciente bergsoniano ao inconsciente freudiano, alegando que o primeiro é inativo e impassível, ao passo que o segundo significaria uma instância “singularmente eficaz” (DELEUZE, 1999 [1966]), não desmente a afinidade que se enuncia aqui, pois, também em Bergson, o domínio da “lembrança pura”, o qual delimita o âmbito do inconsciente, exprime da mesma maneira uma atividade em direção à atualidade, ao presente ativo do corpo. Nesse sentido, Cf. DELEUZE (1999 [1966]), *Bergsonismo*, capítulo 3.

3

No artigo “Hume, Freud, Skinner: em torno de um parágrafo de G. Deleuze”, Bento Prado Júnior notara essa assimilação peculiar das ideias de Freud na obra de Deleuze. Nesse texto, Bento Prado Júnior afirma que “[...] os conceitos da psicanálise transcendem de todo a esfera da vaga ‘psicologia’ do senso comum. [...] situando o verdadeiro solo do princípio do prazer numa filosofia da Repetição e denunciando, nas psicologias ‘objetivistas’, uma recaída na concepção vulgar do prazer e do tempo.” (PRADO JÚNIOR, 2000, p. 29). Cf. também, diretamente, *Diferença e repetição*, p. 39-49 e 157-171. Contudo, a relação polêmica de Deleuze com a psicanálise é bem mais ampla e complexa. Nesse sentido, vale a pena consultar *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, bem como o livro de Monique David-Ménard, *Deleuze e a psicanálise*.

que a questão do inconsciente foi tematizada na filosofia francesa do século XX. É dessa perspectiva que ela será abordada aqui, ainda que de modo bastante incipiente.

II

Novamente segundo a historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco (1989), a noção bergsoniana de *élan* pôde ser aproximada da noção freudiana de *Trieb* – alinhando, curiosamente, o vitalismo de Bergson à psicologia das pulsões de Freud –, porque se tratava de depurar a psicanálise de certos aspectos incômodos para o temperamento intelectual francês. A possibilidade dessa aproximação seduziu os primeiros leitores franceses da psicanálise, uma vez que, de certa maneira, permitiu atenuar o chamado pansexualismo freudiano, ligando a libido ao *élan* assexuado de *L'évolution créatrice*. Roudinesco assevera:

Foi com a noção de *élan* vital que se operou mais amplamente o amálgama entre freudismo, junguismo e bergsonismo. A retomada do tema vitalista nascido na escola de Montpellier permitiu ao filósofo definir uma virtualidade em vias de se atualizar, uma totalidade prestes a se dissociar (ROUDINESCO, 1989, p. 241).

Deve-se lembrar que, na França das primeiras décadas do século XX, além da forte postura organicista em matéria de psicologia, herdeira das teorias da hereditariedade e da degenerescência do século XIX,⁴ havia também a glorificação da filosofia bergsoniana, filosofia que possui – diga-se de passagem – uma inegável índole biológica. É natural, portanto, que a apropriação francesa da teoria do simbolismo e da teoria da sexualidade, tais como aparecem no texto freudiano, tenha sido enviesada, impedida de assimilar *ipsis litteris* a contribuição de Freud na pátria de Descartes. O organicismo induziu os franceses a levantarem suspeitas contra a teoria do simbolismo, demasiadamente filosófico-especulativa onde se esperava encontrar uma doutrina médico-experimental. E a aversão ao pansexualismo submeteu a leitura da obra freudiana às lentes bergsonianas, o que permitiu relacionar alguns dos temas cruciais dos dois autores, atenuando a onipresença da sexualidade: *élan* e *Trieb*, virtualidade e inconsciente, atenção à vida e princípio do prazer etc.⁵ Enfim, para concluir com Roudinesco, pode-se dizer que, na França, “[...] o bergsonismo foi levado a servir de substrato filosófico natural da doutrina freudiana” (ROUDINESCO, 1989, p. 241).

De fato, a metafísica da virtualidade – explicitamente apresentada já em *Matière et mémoire*, antes, portanto, da teoria do *élan vital* – figura como uma espécie de horizonte filosófico no interior do qual a conceituação da psicanálise fora acolhida na França, seja na vertente freudiana, seja na vertente junguiana. A teoria da “Memória ontológica”, segundo a célebre expressão de Deleuze (1999), demonstra ser a vida psíquica um movimento de atualização, uma passagem contínua do passado ao presente, do inconsciente ao consciente. Isso significa que, para Bergson, a ontologia não é a descrição da passagem do Nada ao Ser (aliás, a crítica do negativo, exposta no quarto capítulo de *L'évolution créatrice*, endossa essa constatação em termos definitivos), mas a descrição da passagem do virtual ao atual. Nesse sentido, a teoria bergsoniana da memória bem que poderia ser compreendida na tensão entre inconsciente e consciência. Osmyr Faria Gabbi Júnior sugere, sem mencionar o nome de Bergson, uma explícita aproximação entre teoria do inconsciente e teoria da memória, em um artigo dos anos 90. Gabbi Júnior afirma:

4

Tal postura organicista se manifesta vivamente nas obras de Hippolyte Taine, Pierre Janet, Theodule Ribot, etc. No caso desse último autor, em *Les maladies de la mémoire*, constata-se que o inconsciente é pensado como fisiológico, sob a ideia confusa de uma “cerebração inconsciente” (RIBOT, 1907).

5

Outro ponto em comum entre Bergson e Freud é o fato de ambos serem herdeiros, cada um à sua maneira, do utilitarismo inglês, particularmente de John Stuart Mill. Cf. Philippe Soulez e Frédéric Worms, em *Bergson: Biographie* (2002), principalmente a Première Partie, p. 13 - 170 e Peter Gay, *Freud: uma vida para o nosso tempo* (1991), p. 50, 52 e 73.

6

Vale a pena lembrar, nesse ponto, que, mesmo na fase neurológica da produção teórica de Freud, a ideia de “regressão” (ou “involução”) já estava presente. Influenciado pelas teses de Hughlings Jackson, Freud sustentou, em sua monografia sobre as afasias, que os distúrbios da linguagem geralmente exprimem um retorno a estágios menos desenvolvidos do “aparelho de linguagem”. Cf. FREUD (2013 [1891]), *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, p. 112.

7

Em outra passagem da mesma obra, os autores acrescentam: “Pareceu-me talvez ainda mais insólito que, por um procedimento semelhante, se pudesse trazer de volta números e datas há muito supostamente esquecidos e comprovar assim uma inesperada fidelidade da memória. [...] A conclusão que tirei de todas essas experiências foi que os acontecimentos importantes do ponto de vista patogênico, com todas as suas circunstâncias acessórias, são fielmente conservados pela memória, mesmo quando parecem esquecidos, quando falta ao doente a capacidade de recordá-los” (FREUD; BREUER, 2016 [1893], p. 162-163).

Subjacente à tese de que a teoria da libido apresenta uma dimensão semântica inequívoca, está pressuposta a ideia de que a teoria freudiana do inconsciente é, em sentido lato, uma teoria da memória (GABBI JÚNIOR, 1993, p. 257).

Essa articulação entre inconsciente e memória se justifica, já que, para Freud, é sempre possível regredir a estágios mais primitivos (pré-genitais) do desenvolvimento psíquico, de sorte que as neuroses e psicoses são compreendidas por ele justamente como regressões.⁶ Por outro lado, Gabbi Júnior mostra que a teoria freudiana do inconsciente pode ser assimilada como uma teoria da memória porque o inconsciente se estrutura de modo tal que uma reatualização de um conteúdo arcaico se encontra permanentemente aberta. Isso significa que as experiências passadas permanecem, de alguma maneira, como estados virtuais, sempre aptos a eclodirem na organização atual do psiquismo. Freud constatara essa peculiaridade das lembranças traumáticas desde seu trabalho com Breuer, acerca das histerias (trabalho, aliás, anterior a *Matière et mémoire*). Freud e Breuer declaram: “Devemos antes afirmar que o trauma psíquico ou, mais precisamente, a lembrança do mesmo age como um corpo estranho que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente atuante no presente [...]” (FREUD; BREUER, 2016 [1893], p. 23)⁷. Ou seja, Freud e Breuer consideram que é a permanência da lembrança traumática, em estado reprimido ou virtual, que de fato engendra o quadro patológico. O inconsciente se estrutura, portanto, tal como a memória na concepção bergsoniana, uma vez que a transição pelos seus diversos níveis temporais é constitutiva de sua realidade. Em Bergson, particularmente, a teoria da memória demonstra que o psiquismo se estrutura em uma série de “planos de consciência” (BERGSON, 2001 [1896], p. 308-311), e que a vida do espírito exprime uma constante oscilação entre esses planos (WORMS, 1997), um constante movimento da virtualidade para a atualidade.

Retomando a exegese deleuziana do pensamento de Bergson (1999 [1966])⁸ – importante aqui, visto que enfatiza o conceito de “virtualidade” –, o “virtual” é um tipo de realidade que define o domínio do “inconsciente”, na medida em que a experiência consciente está circunscrita à esfera efetiva do atual. Ao articular psicologia e ontologia, Deleuze enfatiza que o inconsciente e a virtualidade assumem um papel de destaque na teoria bergsoniana, convicção que será reforçada na obra de 1907, a saber, *L'évolution créatrice*, com a identificação do psíquico com o vital⁹ e com a crítica do negativo (como já foi mencionado). Para Deleuze, Bergson não deixa dúvidas: a duração, a noção suprema de sua filosofia, é o virtual, porém, “[...] é o virtual à medida que se atualiza, que está em vias de atualizar-se, inseparável do movimento de sua atualização [...]” (DELEUZE, 1999 [1966], p. 32). Não se trata, portanto, de pensar o virtual como uma região ontológica indiferente e silenciosa, resignada em sua impotência. Para o intérprete francês, a teoria da lembrança pura, a qual circunscreve o domínio do inconsciente, pretende evidenciar outra coisa:

O que Bergson denomina “lembrança pura” não tem qualquer existência psicológica. Eis porque ela é dita virtual, inativa e inconsciente. Todas essas palavras são perigosas, sobretudo a palavra “inconsciente”, que, desde Freud, parece-nos inseparável de uma existência psicológica singularmente eficaz e ativa. Teríamos de confrontar o inconsciente freudiano e o inconsciente bergsoniano, pois que Bergson, ele próprio, faz a aproximação. Entretanto, devemos compreender desde já que Bergson não emprega a palavra “inconsciente” para designar uma realidade psicológica fora da consciência, mas para designar uma realidade não psicológica – o ser tal como ele é em si (DELEUZE, 1999 [1966], p. 42-43).

8

Os textos mais importantes de Deleuze sobre Bergson são dos anos 50 e 60. Em 1956, publicou dois artigos: “La conception de la différence chez Bergson” e “Bergson”; em 1966, publicou o livro *Le bergsonisme*.

9

São muitas as passagens de *L'évolution créatrice* em que essa identificação do psíquico com o vital aparece explicitamente. Para mencionar apenas uma delas, diz-se: “Continuidade de mudança, conservação do passado no presente, duração verdadeira, o ser vivo parece, pois, partilhar esses atributos com a consciência.” (BERGSON, 2001 [1907], p. 513).

10

Mais recentemente, alguns trabalhos nesse sentido surgiram na França. Pode-se mencionar o próprio livro de Frédéric Worms *La philosophie en France au XXe siècle: moments* (2009), que, na seção dedicada a Bergson, faz considerações importantes sobre os pontos convergentes entre Bergson e Freud. É possível acrescentar também o livro de Brigitte Sitbon-Peillon, *Bergson et Freud* (2014), e a obra organizada por Antoine Compagnon, *Freud au Collège de France* (2018).

O que é notável nessa leitura da filosofia de Bergson é a curiosa continuidade entre passado, inconsciente e ontologia, constituindo o domínio do “ser virtual”. Mais ainda, o “passado” (a “lembrança pura”) é um tipo de existência inconsciente, não porque seu ser se define pela “impotência”, isto é, uma realidade irremediavelmente hibernada nas profundezas do espírito, mas, ao contrário, porque consiste em um movimento em direção ao atual, em uma “tendência” cujo compromisso é o de se desenvolver até o ponto extremo no qual expira em uma ação ou em uma imagem-lembrança plenamente apresentada à consciência. Tudo se passa, portanto, como se o psicológico fosse a extremidade vivida, consciente, de um passado ontológico e virtual, em sua totalidade inacessível à experiência, mas que a todo momento se projeta parcialmente na experiência. A propósito do processo de atualização das lembranças, Bergson deixa claro que seu ponto de vista não admite a inoperância da virtualidade. Ao contrário, nesse tópico, mostra que a memória consiste em um processo de atualização:

O progresso pelo qual a imagem virtual se realiza não é outra coisa senão a série de etapas pelas quais essa imagem chega a obter do corpo procedimentos úteis. A excitação dos centros ditos sensoriais é a última dessas etapas; é o prelúdio de uma reação motora, o começo de uma ação no espaço. Em outros termos, a imagem virtual evolui em direção à sensação virtual, e a sensação virtual em direção ao movimento real: esse movimento, ao se realizar, realiza ao mesmo tempo a sensação da qual ele seria o prolongamento natural e a imagem que quis se incorporar à sensação (BERGSON, 2001 [1896], p. 275).

Isso quer dizer, principalmente, que o domínio virtual exhibe um dinamismo que não pode ser negligenciado. Em última análise, é ele, esse dinamismo da memória, que permite uma aproximação das ideias de Bergson com as teses da psicanálise. O virtual é movimento, irrupção no presente ativo do corpo, descarregando energia psíquica no aparelho sensorio-motor. Logo, o virtual é tão somente um processo de atualização (BERGSON, 2001 [1896], p. 278). Do mesmo modo, na psicanálise, o campo pulsional inconsciente constrange a consciência, manifestando-se como sintomas, sonhos, atos falhos, chistes etc. (FREUD, 2016 [1893], 2019 [1900]). É certo que Bergson jamais desenvolveu a relação de seu pensamento com a psicanálise, entretanto, em geral, reconheceu o caráter promissor das descobertas freudianas, bem como a afinidade que elas mantêm com sua filosofia (BERGSON, 2001 [1919, 1934]). Como a relação entre bergsonismo e psicanálise permaneceu em estado embrionário na própria obra de Bergson – e também na de seus comentadores mais proeminentes¹⁰ – cogita-se, pelas razões já alegadas aqui, que a exploração dessa relação parece ser não apenas pertinente, no interior dos estudos bergsonianos, mas fundamental também para entender as intersecções posteriores entre psicanálise e filosofia francesa contemporânea.

Nesse sentido, a reação ao espiritualismo de Bergson, na geração seguinte, exprime bem o descontentamento ideológico dos fenomenólogos franceses em relação a toda postura teórica que preserva a interioridade, seja ela assimilada como consciente, seja como inconsciente. Foi inevitável, então, que a recepção da psicanálise, nesse novo momento, colidisse com certa rejeição geral do bergsonismo, acarretando uma compreensão extremamente crítica da contribuição de Freud. É preciso notar, todavia, que, a despeito do repúdio da noção e “vida interior” (Poltzer, Sartre etc.), a índole cartesiana do pensamento francês perseverava nos autores do “momento” existencialista (em Sartre, explicitamente), reafirmando, de alguma maneira, o primado da consciência. Segundo Frédéric Worms, na

obra *La philosophie en France au XXe siècle: moments* (2009), o momento espiritualista, representado pelo seu maior expoente – Henri Bergson –, sofre um deslocamento a partir do final dos anos 20 e sobretudo dos anos 30. Passa-se, então, a contestar o “problema do espírito” e a realidade da “vida interior”, muito embora ainda dentro de um enquadramento cartesiano, isto é, do ponto de vista de uma “egologia” ou de uma filosofia do *cogito*, ainda que esse *cogito* seja pré-reflexivo, como é o caso em Sartre. Nessa perspectiva cartesiana do primado da subjetividade, Sartre é o exemplo paradigmático, por paradoxal que possa parecer à primeira vista, já que ele asseverava, no famoso artigo sobre a intencionalidade, provavelmente escrito em 1934, que a consciência é uma “explosão” para fora, não tendo, portanto, lado de dentro (SARTRE, s/d [1934]). Assim, a ambiguidade de postura sartriana se instala no equilíbrio que ele procura estabelecer entre, de um lado, uma concepção da consciência como pura abertura para o mundo externo e, de outro, uma proposta de filosofia que deve sempre partir da subjetividade, isto é, de dados necessários (SARTRE, 2012; 2007 [1943]).

Ora, ocorre que o problema da “constituição da subjetividade” continuou premente no contexto do existencialismo francês, reunindo autores heterogêneos em torno do mesmo tema controverso: determinar se a subjetividade é originária ou derivada, empírica ou transcendental, passiva ou espontânea. É no interior desse questionamento geral, que revela a espessura da atmosfera intelectual daquelas décadas, que efetivamente sucedeu a primeira recepção filosófica da obra de Freud, em autores como Georges Politzer e Jean-Paul Sartre. Nesse contexto, esses filósofos assumiram uma postura ostensivamente crítica diante da psicanálise, uma vez que estavam preocupados em ressignificar a subjetividade como ato e como abertura para o mundo, de modo que o novo significado da consciência não poderia mais incorporar o inconsciente, seja na acepção bergsoniana, seja na freudiana. Além disso, todo discurso sobre a “vida interior” ou sobre o “aparelho psíquico”, descrevendo suas nuances e operações, passa a ser, na leitura de Politzer e Sartre, ficção teórica que, ao invés de nos aproximar da realidade do sujeito, dela nos afasta¹¹. Assim, a problematização da noção de “inconsciente”, tal como fora elaborada pelos dois filósofos – autores fundamentais na articulação do novo “momento” da filosofia francesa: o existencialismo¹² –, decorre diretamente da persistência da questão do sujeito e da explícita atitude antibergsoniana. Segundo a argumentação desses pensadores, o inconsciente pode ser reduzido a um contrassenso¹³, de forma que seu uso teórico não seria recomendável nem no domínio da psicologia nem no da metafísica.

Em nome de um retorno ao “concreto”, ao “vivido”, Politzer e Sartre acabam dirigindo críticas semelhantes aos mesmos alvos: à psicanálise e ao bergsonismo. Se Worms tem razão – na leitura que faz da filosofia francesa do século XX –, o pensamento que se articula a partir de 1928 (ano da publicação da *Crítica dos fundamentos da psicologia*, de Politzer) é uma reação ao espiritualismo e ao idealismo neokantianos, filosofias “oficiais” na França da época, representadas por nomes como Boutroux, Bergson, Brunschvicg etc. Houve, nesse momento, uma reivindicação geral de abandono das abstrações e totalizações da filosofia acadêmica hegemônica, substituindo-as por um movimento em direção à existência, às “coisas mesmas”¹⁴. As obras de Politzer e Sartre (e, aqui, trata-se tanto do jovem Sartre quanto do Sartre já maduro, de *L'être et le néant*) endossam essa mudança de atitude diante da tarefa da filosofia. Suas críticas ao significado teórico do inconsciente pretendem instaurar, no caso de Politzer, uma “psicologia concreta”, capaz de exterminar a ideia de “vida interior” e assumir o psíquico como “drama”, isto é, como uma rede de ações apreendidas necessariamente em primeira pessoa¹⁵; e, no de Sartre, uma concepção da consciência como espontaneidade e translucidez, a qual proíbe todo tipo de fragmentação e opacidade; sendo o psíquico, nesse

11

A propósito, Freud percebera bem cedo, ao menos desde *A interpretação dos sonhos*, o artificialismo da compreensão topológica do psiquismo, a qual induziu a assimilar os diversos “sistemas” (consciente, pré-consciente e inconsciente) como “localidades no interior do aparelho psíquico”. (2019 [1900], p. 657-663).

12

É preciso pontuar, contudo, que Politzer não pode ser considerado um existencialista, nem mesmo um fenomenólogo, muito embora algumas de suas formulações deixem transparecer certa afinidade com essas correntes de pensamento, particularmente com a fenomenologia. Politzer foi, na verdade, o fundador da “filosofia francesa da psicanálise”. A esse respeito, vale a pena conferir o artigo de Bento Prado Júnior, “Georges Politzer: sessenta anos da *Crítica dos fundamentos da psicologia*”, no qual se afirma: “O vocabulário técnico da fenomenologia husserliana não está presente na *Crítica dos fundamentos da psicologia* (assim como não encontrei nenhuma referência a Husserl nos escritos de Politzer, ainda que tão familiarizado com a literatura teórica alemã), mas um certo estilo fenomenológico parece impregnar todo o seu ensaio. De qualquer maneira, leitor da *Erlebnispsychologie* e da *Lebensphilosophie* de seu tempo, pelo menos indiretamente Politzer estava exposto à influência da fenomenologia, o que facilitaria a apropriação de seu ensaio pela fenomenologia francesa dos decênios seguintes.” (PRADO JÚNIOR, 2005, p. 38).

13

Convém mencionar que críticas semelhantes já haviam sido elaboradas por Franz Brentano (2008), na obra *Psychologie du point de vue empirique*. Livro II, capítulo II: “*De la conscience interne*”.

contexto, uma realidade transcendente. É o que declara Sartre, por exemplo, em *A transcendência do ego*: “O Ego nada é fora da totalidade concreta dos estados e das ações que ele suporta.” (SARTRE, 2013b [1936], p. 48). Se, conforme assevera Sartre, em sua obra principal, “[...] consciência é consciência de ponta a ponta. Só poderia, pois, ser limitada por si mesma” (SARTRE, 2007 [1943], p. 27-22)¹⁶, não faz mais sentido postular o inconsciente ou o virtual como o horizonte de onde os atos concretos da consciência de alguma maneira emergiriam. Constata-se, portanto, nos dois autores, uma recusa em identificar, no psiquismo, zonas de obscuridade, virtualidades ou potencialidades secretas; em uma palavra, o “mundo interior tenebroso”, segundo expressão de Merleau-Ponty¹⁷. Ambos, Politzer e Sartre, ambicionam, enfim, fundar uma concepção da consciência como “ato”, expulsando de seu interior todas as figuras através das quais a “passividade” se insere no domínio psíquico.

Ao que tudo indica, para esses pensadores, a instauração de um pensamento concreto, capaz de enfim metabolizar a experiência vivida, depende também de um abandono da ideia de inconsciente, bem como de uma reformulação da noção de “consciência”. Mas não parece ser Freud, à época ainda pouco influente no pensamento francês¹⁸, o alvo maior dessa mentalidade que acabara de advir. Tudo evidencia que é uma filosofia consolidada, uma visão de mundo (o bergsonismo), o “inimigo principal” dessa mudança de atitude. Marilena Chaui, na apresentação do livro de Bento Prado Júnior sobre a filosofia de Bergson, faz uma declaração interessante nesse sentido:

[...] somos levados a corrigir uma curiosa tradição, que avalia o pensamento francês dos últimos trinta anos como resultado de leituras equivocadas de Husserl, Heidegger, Hegel, Marx, Nietzsche e Freud. Não houve equívoco algum, simplesmente estes pensadores foram lidos na França sobre um fundo silencioso que travejou as interpretações. Esse fundo é o bergsonismo, desde que liberado, como o libera Bento Prado, da suposição de ser intuicionismo (pois não é filosofia da intuição e sim da duração), de espiritualismo (pois não é filosofia do espírito e sim ontologia da presença plena) e do vitalismo evolucionista (pois não é filosofia da evolução e sim pensamento da gênese da vida como “realidade em vias de se fazer”). (CHAUÍ, 1989, p. 13).

Se essa constatação se confirma com os pensadores da chamada fase estruturalista da filosofia francesa (ou pós-estruturalista, já que Chaui se refere aos trabalhos produzidos a partir dos anos 60), com muito mais razão se poderia afirmar o mesmo no caso de Politzer e Sartre, filósofos formados em uma época ainda fortemente bergsoniana, fortemente espiritualista. O teor reativo de alguns textos desses autores se faz sentir, por vezes, até mesmo no título das obras [por exemplo, os escritos polêmicos de Politzer, como *La fin d'une parade philosophique: le bergsonisme* (1967 [1929]) e *Bergsonisme: une mystification philosophique* (1950 [1929]); e os escritos de juventude de Sartre, sobretudo *L'imagination* (2013a [1936]), na seção dedicada a Bergson, na qual tece uma crítica radical à “teoria das imagens”]¹⁹. Tudo se passa como se a filosofia desse período, para assumir uma perspectiva inovadora diante do trabalho filosófico, precisasse demolir o que havia de mais consistente na fase anterior. Assim, Bergson surgiu como o demônio a ser exorcizado pelos que queriam o “concreto”, “as coisas mesmas”. Nessa direção, Worms observara, na obra mencionada anteriormente: “É, finalmente, tanto com Freud quanto com Bergson que Politzer, Sartre e Merleau-Ponty (assim como Canguilhem) deverão romper e renovar, em parte para formular suas próprias questões.” (WORMS, 2009, p. 129). É a metafísica bergsoniana da duração, assimilada como uma ontologia da virtualidade, o ideário filosófico por trás da recusa da “[...] noção teórica fundamental da psicanálise, a noção de inconsciente.”

14

Jean Wahl publica, em 1932, o livro *Vers le concret*, o qual exprime ostensivamente os ideais filosóficos dessa geração. Mais ou menos na mesma época, o famoso encontro de Raymond Aron e Jean-Paul Sartre, narrado por Simone de Beauvoir em *Na força da idade I*, testemunha o entusiasmo dos jovens pensadores franceses pela recém-descoberta fenomenologia. (BEAUVOIR, 1961, p. 121). Vale lembrar, também, que o texto que introduziu a fenomenologia na França foi o ensaio *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*, de Emmanuel Levinas, devorado por Sartre nos anos 30.

15

Ao louvar a psicanálise, por ter descoberto o objeto da psicologia, por um lado, e ao censurar sua metapsicologia, por outro, Politzer não fez outra coisa, segundo Roudinesco, em seu único livro sobre Freud, senão mostrar a impossibilidade de todo discurso psicanalítico se constituir como “psicologia concreta”. Sem dúvida, no caso de Freud, rejeitar a metapsicologia é rejeitar o essencial de sua teoria (ROUDINESCO, 1988, p. 80).

16

Antes da barra, paginação da edição brasileira de *O ser e o nada*; depois da barra, paginação da edição francesa, de 1943.

17

Cf. MERLEAU-PONTY, *Phénoménologie de la perception* (1995 [1945]), p. 71. Bento Prado Júnior, igualmente, no artigo já mencionado, afirma: “Desde 1928, o inimigo principal do melhor pensamento francês é a sedução pelo mito da ‘vida interior’” (PRADO JÚNIOR, 2005, p. 45).

(POLITZER, 1998 [1928], p. 107). Portanto, o que Politzer e Sartre estão rejeitando é, indiretamente, uma metafísica que sustenta ser o virtual, o “latente”, ontologicamente mais relevante que o “manifesto”, que o ato. É, enfim, uma rejeição do bergsonismo de *Matière et mémoire* que está em pauta aqui.

Dessa maneira, é contra a psicologia bergsoniana, implicada nessa metafísica da virtualidade, que Politzer e Sartre reagem, acusando-a de “introspecção” e de “ilusão da imanência”, respectivamente. No caso específico de Politzer, a teoria da presença de conteúdos virtuais no eu, tal como exposta por Bergson, em *Matière et mémoire*, determina a tônica de sua recepção da psicanálise, o que sem dúvida comprometeu, em alguma medida, sua assimilação da noção freudiana de inconsciente. De fato, para Politzer, a continuidade do eu precisa ser pensada como atual e não mais como virtual. Em suas análises de *A interpretação dos sonhos*, Politzer assevera que o desejo não está virtualmente no sujeito, no eu. O desejo existe em ato, permanece continuamente ligado ao eu e é por isso que sonhamos. A todo momento, o desejo está presente, de modo que sua realidade é sempre atual. É por isso, também, que o sonho é um ato psíquico e não um estado virtual que emerge das trevas à luz durante o sono. Na exposição de sua psicologia, Politzer declara:

O fato psicológico deve ser pessoal e atualmente pessoal – essas são suas condições de existência. Decorre disso que a noção fundamental dessa psicologia só pode ser a noção de ato. O ato é a única noção inseparável do eu em sua totalidade, único entre todas as noções, só se concebe como intervenção atual do eu. Por isso, a psicologia concreta só pode reconhecer como fato psicológico real, o ato. A ideia, a emoção, a vontade etc. não podem ser reconhecidas pela psicologia concreta, como tendo uma atualidade psicológica, consequentemente, como tendo realidade concreta (POLITZER, 1998 [1928], p. 77).

Como não ver que, nesse movimento, Politzer se afasta da metapsicologia de Freud para se aproximar, involuntariamente, de uma psicologia de inspiração fenomenológica – como a que será proposta por Sartre, nos anos 30 –, consagrando o atual como única realidade psíquica possível?²⁰ Sem dúvida, tal psicologia constituirá o próprio cerne das preocupações do jovem Sartre (MOUTINHO, 1995), matéria do ambicioso e inconcluso projeto intitulado *La psyché*,²¹ cujos resultados efetivos foram apenas algumas reflexões – importantes, seguramente – sobre a natureza do Ego, da imagem e das emoções. Nessa etapa do pensamento de Sartre, todas as suas reflexões exibiam predileção pelo atual e pela transcendência, repudiando, no mesmo movimento, o virtual e a interioridade. Referindo-se especificamente à tensão com a psicanálise, Vincent de Coorebyter, que dedicou um livro volumoso à produção teórica do jovem Sartre, afirma que já na conclusão de *A transcendência do Ego* – o primeiro livro fenomenológico do filósofo francês, provavelmente escrito de 1934 – Sartre repudiara o inconsciente, em nome de uma espontaneidade que não admite nenhuma forma de passividade:

Porque Sartre abre sua conclusão sobre a espontaneidade com uma passagem aparentemente dirigida contra o inconsciente, parece que todo o texto deva ser lido à luz desta questão e que ele testemunha, com o exemplo da neurose, a vontade sartriana de fazer valer a transparência da consciência contra a opacidade do inconsciente (COOREBYTER, 2000, p. 649).

18

Mesmo na comunidade médica, a institucionalização da psicanálise na França só ocorreu tardiamente, em 1926, com a fundação da SPP - Sociedade Psicanalítica de Paris. Muitos anos depois, Daniel Lagache e Paul Ricœur a introduziram na Universidade, via departamentos de Psicologia e Filosofia, respectivamente (ROUDINESCO, 1988; ROUDINESCO, 1989).

19

Do mesmo modo, no Bachelard dos anos 30, reencontra-se a mesma tensão com a filosofia de Bergson, igualmente explicitada já nos títulos das obras: *L'intuition de l'instant* (s/d, [1932]) e *A dialética da duração* (1994 [1936]). (cf. WORMS, 2009).

20

Consagrar o “ato” como única realidade psicológica concreta bem que poderia arrastar Politzer para uma psicologia do tipo behaviorista. Porém, a noção de “ato” não remete, diretamente, à noção de “comportamento”, tal como surgirá no Behaviorismo. É bem mais plausível, a julgar pelo contexto da única obra efetivamente publicada por Politzer sobre a psicanálise, que o termo “ato” signifique aqui ato psíquico, ato da consciência, em um sentido que o aproxima, dessa vez, da fenomenologia. De resto, o prometido ensaio de Politzer sobre o Behaviorismo jamais foi escrito, sombreando ainda mais essa questão dificultosa.

21

Igualmente ambicioso foi o projeto politzeriano de uma psicologia concreta. O livro efetivamente escrito, a *Critique des Fondements de la Psychologie* (1928), era apenas uma parte de uma obra mais abrangente: os *Matériaux pour la Critique de Fondements de la Psychologie*, o qual deveria conter um volume sobre a *Gestalttheorie* e outro sobre o Behaviorismo. Por sua vez, os *Matériaux* seriam uma espécie de introdução a uma obra crítica sobre a psicologia, o *Essai Critique sur les Fondements de la Psychologie*. Esses dois últimos trabalhos jamais foram publicados.

E Jean-Marc Mouillie, no mesmo sentido, observou:

Tal é a hipótese de um inconsciente, que supõe a obediência da consciência espontânea a um princípio refletido original e escondido. Mas a contradição da ideia psicológica de inconsciente irrompe dela mesma, já que, por princípio, todo refletido é posto por uma consciência e não saberia qualificar um originário, do qual a consciência derivaria (MOUILLIE, 2000, p. 96).

Ao excluir o inconsciente do horizonte da filosofia, por ser impotente, e a interioridade, por ser ilusória, Politzer e Sartre articulam uma psicologia do atual, do manifesto. É claro que uma psicologia assim concebida irá acarretar uma rejeição geral da psicanálise. Todavia, semelhante rejeição dará ensejo para a ulterior reabilitação do inconsciente, dessa vez pensado como linguagem, no fértil cruzamento entre psicanálise e estruturalismo, o qual encontrou na obra de Jacques Lacan seu momento culminante²².

Em primeiro lugar, deve-se pontuar que Lacan foi sensível ao paradoxo dos “conteúdos mentais inconscientes”, os quais precisam estar primeiramente na consciência para sofrerem a ação do recalçamento. Por isso, durante muito tempo, evitou essa noção freudiana fundamental. Mais tarde (a partir dos anos 50), após receber a influência do estruturalismo, concebeu o inconsciente como vazio, visto que não pode ser habitado por conteúdos. O inconsciente passou a ser pensado, então, como uma “ordem sociossimbólica”, ou seja, um sistema de regras e de relações que condicionam o domínio da experiência psíquica (SAFATLE, 2017).

Foi assim que Lacan entendeu o inconsciente como “linguagem”, a partir dos ensinamentos de Ferdinand de Saussure (2012 [1916]), e destacou o papel do “simbólico”, com base nas concepções de Lévi-Strauss (2017 [1958]). Aliás, essas parecem ser algumas das inovações importantes introduzidas por ele (1998 [1966]), renovando o discurso psicanalítico, após a morte de Freud²³. Por um lado, estrutura-se a realidade psíquica como uma linguagem, isto é, como uma “cadeia de significantes” que não aderem a significados ou referentes fixos (o falo, o pai etc. são “significantes puros”); por outro, concebe-se o domínio do simbólico como uma dimensão que antecede e estrutura a subjetividade, posicionando o sujeito em seu interior. Em realidade, não é pouco o que se conquista com tais inovações: no primeiro caso, ao que tudo indica, a psicanálise lacaniana finalmente alinha o pensamento francês ao que há de mais contemporâneo na filosofia, o chamado *linguistic turn* da tradição analítica, na medida em que pensa o sujeito sob o registro da linguagem; e, no segundo, ao conceber o simbólico como uma estrutura preexistente, a partir da qual o sujeito se constitui, Lacan supera, em alguma medida, a hipótese da subjetividade, dominante na filosofia moderna desde Descartes, e que encontrou no bergsonismo uma renovação filosófica. Nos dois pontos, o que se suprime é a concepção do sujeito como um polo possuidor de conteúdos determináveis teoricamente (as duas tópicas freudianas, nesse sentido, são descrições do psiquismo ainda prisioneiras de certo cartesianismo, ainda que Freud tenha reconhecido se tratar de entidades teóricas). Nessa direção, para Lacan, o inconsciente não é uma região da interioridade, uma instância psíquica aquém ou por trás da consciência, nem mesmo um campo pulsional anterior à constituição do Ego, tal como fora pensado por Freud. Do mesmo modo, não há mais o “primado do sujeito”, isto é, o sujeito deixa de ser o eixo em torno do qual toda a realidade passa a ser organizada. O estruturalismo, ao afirmar o primado da estrutura, permite romper com a ideia de sujeito como um “lugar” no interior do qual instâncias psicológicas (o consciente, o pré-consciente e o inconsciente) se assentariam. Ao contrário, o que há é uma “[...] ordem preestabelecida que é de natureza simbólica, no sentido de Lévi-Strauss.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 481)²⁴, unicamente a partir

22

Aqui, a referência lacaniana é a obra *Escritos*, publicados inicialmente em 1966.

23

A originalidade do pensamento de Lacan se manifesta desde seu primeiro trabalho, sua tese de doutorado em psiquiatria. Nesse texto, contra a tradição organicista de seu ambiente científico, Lacan sustenta ser a doença mental um fenômeno de natureza psicogenética, ou seja, produzido pelo tipo de “síntese psíquica” que ocorre no indivíduo. Além disso, no caso específico do delírio paranoico, não se trata de uma perturbação da personalidade, que sobrevém desorganizando-a, mas sim de uma estrutura ordenada e integrada ao desenvolvimento de uma personalidade autopunitiva. Portanto, o delírio paranoico exibe uma estrutura dotada de lógica própria, cabendo ao psiquiatra elucidá-la. Cf. LACAN (1987 [1932]), *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade*.

24

Deleuze, no artigo “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?”, observa, nesse mesmo sentido: “[...] o primeiro critério do estruturalismo é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico. É a recusa de confundir o simbólico com o imaginário, bem como com o real, que constitui a primeira dimensão do estruturalismo.” (DELEUZE, s/d, p. 273).

da qual o sujeito pode ser situado. Sendo assim, a ideia moderna de sujeito (psicológico, moral, epistêmico, político) passa a ser subjugada pela estrutura inconsciente.

Porém, o nome de Lacan, mencionado ao fim de um percurso que vai do espiritualismo bergsoniano ao estruturalismo francês, passando pelo existencialismo, pode causar estranhamento, uma vez que se trata de considerar aqui o modo como a filosofia francesa leu Freud a partir da influência bergsoniana (particularmente, nos casos de Politzer e Sartre). Mas a estranheza é apenas aparente. Em primeiro lugar, porque Lacan é um pensador da psicanálise, revelando acentuada ambição teórica, de modo que sua abordagem da obra freudiana não se limita a explorar seu rendimento clínico²⁵. Em segundo lugar, porque sua concepção do inconsciente, isto é, como uma estrutura análoga à estrutura da linguagem, parece coroar um desenvolvimento histórico no qual o sujeito hipostasiado da tradição vinda de Descartes, e ecoada por Bergson, cede lugar a uma concepção mais sutil: inicialmente como ato, em Politzer e Sartre; posteriormente como linguagem, seja no estruturalismo²⁶, de modo geral, seja na psicanálise lacaniana, de modo particular. Portanto, acredita-se não ser exagero afirmar que Lacan figura como um dos momentos fundamentais desse percurso.

III

Para concluir – um tanto abruptamente – e retomando nossa hipótese interpretativa, visto que não se intenciona esmiuçar nenhum desses tópicos no presente artigo, é possível considerar que, se é verdade que o bergsonismo preparou o ambiente intelectual francês para a efetiva recepção da psicanálise, todos esses desdobramentos e remanejamentos conceituais – que, à luz do percurso esboçado aqui, culminaram na teoria lacaniana – exprimiriam, em intensidades desiguais, certa tensão com a filosofia de Bergson, seriam suas reverberações diretas e indiretas. Nesse sentido, não é à toa que noções tão frequentes no bergsonismo, como inconsciente, virtualidade, atualização etc. circulem livremente pelo vocabulário teórico existencialista e estruturalista. Mesmo quando atacado com severidade, o bergsonismo se fez presente nessas fases do pensamento francês, marcando-as de modo indelével. Cabe aprofundar, em trabalhos posteriores, cada uma dessas relações com a filosofia bergsoniana e com a psicanálise, no intuito de determinar o alcance da influência exercida por Bergson e Freud na filosofia francesa do século XX.

Sobre o artigo

Recebido: 08/06/2019

Aceito: 01/09/2019

Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
 BACHELARD, G. **L'intuition de l'instant**. Paris: Éditions Gonthier, s/d.
 BACHELARD, G. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.

25

Uma evidência de que Lacan não se preocupava, na composição de sua obra, apenas com o desenvolvimento de uma clínica psicanalítica mais eficiente se encontra no fato de ele explorar uma vasta rede de filiações teóricas, que vão de Spinoza e Gaëtan Clérambault até a lógica e a filosofia da linguagem de Frege, Wittgenstein e Chomsky, passando pelo Hegel de Kojève, por Wallon, Heidegger etc., além, evidentemente, de Freud, Saussure e Lévi-Strauss. (ROUDINESCO, 1989).

26

No caso do estruturalismo, de modo geral, é todo um aparato terminológico com matizes bergsonianos que volta à cena. Não é apenas a noção de “virtualidade” e “atualização” que reaparecem, a própria noção de “inconsciente” reassume um papel de destaque, por exemplo, em Lévi-Strauss. O etnólogo declara: “Se, como cremos, a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e se essas formas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigos e modernos, primitivos e civilizados (como mostra tão claramente o estudo da função simbólica tal como expressa na linguagem), é necessário e suficiente atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição e a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e outros costumes, contanto, evidentemente, que se avance o suficiente na análise.” (LÉVI-STRAUSS, 2017, p. 34). E Deleuze, no artigo já mencionado, registra: [...] Lévi-Strauss frequentemente apresenta a estrutura como uma espécie de reservatório ou de repertório ideal, onde tudo coexiste virtualmente, mas onde a atualização se faz necessariamente segundo direções exclusivas, implicando sempre combinações parciais e escolhas inconscientes. (DELEUZE, s/d, p. 283).

- BEAUVOIR, S. **Na força da idade I**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.
- BERGSON, H. **Œuvres** (Édition du centenaire). (1959) Paris: PUF, 2001.
- BRENTANO, F. De la conscience interne. In: **Psychologie du point de vue empirique**. Livro II, Tradução de Maurice de Gandillac. Paris: Vrin, p. 113-149, 2008.
- CHAUI, M. Apresentação. In: PRADO JÚNIOR, B. **Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson**. São Paulo: EDUSP, p. 11-23, 1989.
- COMPAGNON, A (Org.). **Freud au Collège de France**. Paris: Collège de France, 2018.
- COOREBYTER, V. **Sartre face à la phénoménologie: autour de L'intentionnalité et de 'La transcendance de l'ego'**. Bruxelas: Ousia, 2000.
- DAVID-MÉNARD, M. **Deleuze e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: CHÂTELET, F. **História da filosofia: ideias e doutrinas, O século XX**. Tradução de Hilton Japiassú. Rio de Janeiro: Zahar, p. 271-303, s/d.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, S; BREUER, J. **Estudos sobre a histeria**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico**. (1891). Tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- GABBI JÚNIOR, O. F. A teoria do inconsciente como teoria da memória. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1/2, p. 247-260, 1993.
- GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Luiz Meyer. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. Tradução de Aluisio Menezes et al. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEVINAS, E. **Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl**. Paris: Alcan, 1930.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural I**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: UBU, 2017.
- MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1995.
- MOUILLIE, J. **Sartre: conscience, ego et psychè**. Paris: PUF, 2000.
- MOUTINHO, L. D. S. **Sartre: psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- POLITZER, G. **Bergsonisme: une mystification philosophique**. Paris: Éditions Sociales, 1950.
- POLITZER, G. **La fin d'une parade philosophique: le bergsonisme**. (1929). Paris: Pauvert, 1967.
- POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise**. Tradução de Marcos Marcolino e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba/SP: UNIMEP, 1998.
- PRADO JÚNIOR, B. Georges Politzer: sessenta anos da Crítica dos fundamentos da psicologia. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. T. (Org.). **Freud na filosofia brasileira**. São Paulo: Escuta, p. 33-49, 2005.
- PRADO JÚNIOR, B. Hume, Freud, Skinner: em torno de um parágrafo de G. Deleuze. In: _____. **Alguns ensaios: filosofia, literatura e psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- RIBOT, T. **Les maladies de la mémoire**. Paris: Félix Alcan, 1907.
- ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos**, v. II. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos**, v. I. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- SAFATLE, V. **Introdução a Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- SARTRE, J. **L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 1943.
- SARTRE, J. **L'imaginaire: psychologie phénoménologique de l'imagination**. Paris: Gallimard, 2005.
- SARTRE, J. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- SARTRE, J. **A imaginação**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013a.
- SARTRE, J. **A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013b.
- SARTRE, J. **Situações I**. Tradução de Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SITBON-PEILLON, B. **Bergson et Freud**. Paris: PUF, 2014.
- SOULEZ, P.; WORMS, F. Première Partie. In: **Bergson: biographie**. Paris: PUF/Quadrige, p. 13 – 170, 2002.
- WAHL, J. **Vers le concret: études d'histoire de la philosophie contemporaine**. Paris: Vrin, 2004.
- WORMS, F. La théorie bergsonienne des plans de conscience: genèse, structure et signification de Matière et mémoire. In: GALLOIS, P.; FORZY, G. (Org.). **Bergson et les neurosciences: actes du Colloque International de Neuro-Philosophie**. Lille: Le Pressis Robinson, p. 85-108, 1997.
- WORMS, F. **La philosophie en France au XXe siècle: moments**. Paris: Gallimard, 2009.